

PAULO EM TESSALÔNICA: O RELACIONAMENTO DE CONFIANÇA MÚTUA NA FUNDAÇÃO DA IGREJA

**(Paul in Thessalonica: The relationship of mutual trust in the
foundation of the Church)**

*Valdir Marques SJ **

RESUMO: A Teologia Paulina como um todo é um conjunto de temas-chaves de tal modo entrelaçados que nenhum deles pode ser considerado seu “centro”, como o supunham os sucessores de F.C. Baur na Escola de Tübingen. A fé é um destes temas.

Este estudo se concentra num significado que a palavra *pístis* adquire em vários empregos paulinos, o de “confiança” prévia à adesão total à própria fé.

Examinando 1Ts sob vários enfoques a confiança mútua entre os personagens daquela jovem Igreja, obtém-se, em detalhe, informações sobre a “confiança” e a “fé”, ditas pelo mesmo termo grego *pístis*. Tais detalhes fornecem maior nitidez ao que Paulo entende por “fé”, iluminando, assim, o conjunto de sua teologia.

Deste processo emerge uma figura mais precisa da personalidade do próprio Paulo, como também de sua comunidade em Tessalônica. Tal missionário e tal comunidade eclesial entusiasta são para nós modelo para a renovação da Igreja de nossos dias.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo de Tarso, Teologia Paulina, Fé, Escatologia, 1Tessalonicenses, Tessalônica.

ABSTRACT: The Pauline Theology as a whole is a combination of key themes interwoven in such a way that not one of them can be considered its “center”, as

* Departamento de Teologia da FAJE - Belo Horizonte. Artigo submetido a avaliação no dia 12/03/2009 e aprovado para publicação no dia 25/04/2009.

held by the successors of F.C. Baur in the Tubingen School. Faith is one of these themes. This study concentrates on the significance that the word *pístis* acquires in various Pauline applications, of trust prior to the total adhesion to faith itself. Examining 1Ts under various aspects of the mutual trust among the characters of that young church, one may obtain, in detail, informative elements about “trust” and “faith”, stated by the same Greek term *pístis*. Such details provide more clarity on Paul’s understanding of “faith”, enlightening, thus, the entirety of his theology. From this process emerges a more precise figure of Paul’s own personality, as well as of his community in Thessalonica. Such a missionary and such an enthusiastic ecclesial community, serve as a model for us in church renewal in our current time.

KEY-WORDS: Paul of Tarsus, Pauline Theology, Faith, Eschatology, 1Thessalonians, Thessalonica.

Introdução

Um dos maiores problemas para os estudiosos de Paulo de Tarso consiste em obter uma síntese de sua teologia. Como depreender, a partir de linhas gerais de seu pensamento, um conjunto integrado de todas elas, de tal modo que satisfaça à maioria de seus intérpretes?¹

Nos âmbitos católico e protestante esta questão tem sido debatida, mas especialmente os protestantes deram maiores avanços, motivados pela problemática que herdaram da própria Reforma, isto é, a concentração num ponto particular da Teologia Paulina, o da justificação pela fé (Rm 1,16.17; 10,9; Gl 3,11).

Em busca de linhas centrais do pensamento paulino, a exegese protestante adotou, até os anos 1970, os pressupostos de Ferdinand Christian Baur e da Escola de Tübingen. O primeiro pressuposto desta escola, herdado de Lutero, era de que a Teologia Paulina, como um todo, girava em torno de um eixo, um “centro”, identificado com a “justificação pela fé” (Rm 1,17; Gl 3,11), dos convertidos a Cristo pelo Evangelho de Paulo, desvinculado da Lei de Moisés².

¹ B. METZGER, *Index to Periodical Literature on the Apostle Paul*, Leiden: Brill, 1960; B. RIGAUX, *Saint Paul et ses lettres. État de la question* = *Studia Neotestamentica* – Subsidia 2, Paris / Bruges: Desclée de Brouwer, 1962; P. GRECH / G. SEGALLA, *Metodologia per uno studio della teologia del Nuovo Testamento*, Torino: Marietti, 1978; A. GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, *Science et Esprit* XLVIII/3 (1996) 307-326; S.J. HAFEMANN, “Interpreti di Paolo”, in G.F. HAWTHORNE et alii (org.), *Dizionario di Paolo e delle sue lettere*, Cinisello Balsamo: Paulus, 1999; J.-N. ALETTI, “Où en sont les études sur Saint Paul? Enjeux et propositions”, *Recherches de Sciences Religieuses* 90/3 (2002) 329-352; J.D.G. DUNN, *A teologia do Apóstolo Paulo*, São Paulo: Loyola, 2003, pp. 25-54.

² HAFEMANN, “Interpreti di Paolo”, p. 868.

Muito progresso foi feito após a morte de F.C. Baur em 1860. Seu pressuposto principal deixou de ser considerado o “centro” da Teologia Paulina quando surgiu a chamada “Nova Perspectiva sobre Paulo”, a partir dos estudos de Ed Parish Sanders, com sua obra *Paul and Palestinian Judaism* em 1977³, e de James Douglas Grant Dunn, com seu artigo “The New Perspective on Paul”, *Bulletin of the John Rylands Library* 61 (1983) 95-122. Daí em diante a “justificação do justo pela fé” não foi mais aceita como o eixo de toda a Teologia Paulina.

Porém a busca por uma síntese continuava sem solução. Como obtê-la sem ter um ou mais pontos de apoio, uma temática-chave, indispensáveis para dar-lhe a integridade e unidade indispensáveis? Propostas várias foram surgindo, sem que ninguém conseguisse resultados satisfatórios, porque a ideia do “centro” parecia definitivamente descartada, nos moldes, é claro, da visão luterana e protestante da Teologia Paulina⁴. Houve quem propusesse como tal “centro” outro tema sobre o qual Lutero tanto insistia, a “teologia da cruz”⁵.

Em 1986, nos Estados Unidos, a Society of Biblical Literature reuniu em Berkeley, Califórnia, um grupo de especialistas dispostos a retomar o problema a partir do zero. Muitas foram as dificuldades encontradas⁶. Entre elas estava o problema de identificar as convicções teológicas de Paulo⁷. Contra a suposição de um “centro” estava a peculiar natureza dos escritos paulinos: eram ocasionais, respostas imediatas a problemas concretos e de detalhe às comunidades, e não sínteses de ideias teológicas. Em carta alguma Paulo oferece uma síntese acabada de seu pensamento⁸. Enquanto escreve uma carta, naquele momento preciso, Paulo elabora sua hermenêutica pessoal das Escrituras, do judaísmo e da nascente teologia cristã, a respeito da Igreja, de Cristo e de tudo o mais⁹.

³ *Ibid.*, p. 875; E.P. SANDERS, *Paul and Palestinian Judaism: A comparison of patterns of religion*, Philadelphia: Fortress Press/SCM, 1977; ALLETTI, “Où en sont les études sur Saint Paul?”, p. 336.

⁴ J. PLEVNIK, “The Center of Pauline Theology”, *Catholic Biblical Quarterly* 51 (1989) 461-478, aqui p. 466.

⁵ J. BECKER, *Paul, Apostel der Völker*, Tübingen: Mohr Siebeck, 1989, *apud* GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 314. Houve ainda quem propusesse o tema da “Eleição” do novo povo de Israel, a Igreja, não como “centro”, mas como tema aglutinador de outros temas, como R. HOPPE, “La première épître aux Thessaloniens dans le cadre de la théologie paulinienne. Réflexions sur la théologie paulinienne de l’élection”, *Revue des Sciences Religieuses* 80/1 (2006) 67-82, aqui pp. 67-68.

⁶ GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 315.

⁷ E.P. SANDERS, *Paul, the Law and the Jewish People*, Philadelphia: Fortress, 1983.

⁸ GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 315.

⁹ *Ibid.*, pp. 315-316.

Em 1Ts Paulo se encontra numa fase teológica posterior à evangelização da Galácia e anterior à de Corinto e à do “Conclílio” de Jerusalém¹⁰. O *Sitz im Leben* da evangelização da Macedônia é muito particular e diferente daquele da Acaia, isto é, de Corinto, como também do da Ásia Proconsular, de Éfeso, e muito mais diferente do *Sitz* em que escreveu Romanos.

Elaborando esta hermenêutica de sua herança teológica, Paulo teve que se pronunciar claramente em relação a vários pontos. O relacionamento com a Lei de Moisés é um dos problemas mais árduos e mais estudados¹¹. Além disso, outros problemas necessitam de maiores aprofundamentos. Como determinar, com clareza, quais foram as influências da apocalíptica judaica sobre Paulo¹²? A apocalíptica judaica aparece com insistência nas cartas do período macedônio, 1 e 2Ts. Como entender, satisfatoriamente, certos conceitos e expressões-chaves, como “pístis” – fé, com toda a gama de significados que Paulo lhe dá¹³?

É clara a evolução do pensamento paulino em sua correspondência com as Igrejas. Seus escritos o demonstram, e ao mesmo tempo revelam a insuficiente elaboração de questões-chaves, como a teologia trinitária, a antropologia, a pneumatologia, entre outras. Além disto, como saber por qual processo passou Paulo para chegar a tal evolução¹⁴?

O grupo da Society of Biblical Literature chegou a um razoável consenso, a propósito de certos pontos para conseguir uma síntese da Teologia Paulina¹⁵. Entre eles: a) não focalizar a “Teologia Paulina” a partir de uma só ideia, conceito ou termo, como “justificação”, “cruz de Cristo”, etc.; b) Paulo não é um teólogo sistemático; responde a certos problemas, os que suas comunidades lhe propõem, a cada vez; c) a teologia específica que Paulo apresenta em cada carta sobre certos temas não deve ser sempre entendida a partir de outras interpretações que o mesmo Paulo faz dos mesmos temas em outras cartas; d) não se devem supervalorizar certas cartas a partir das quais interpretar tudo o que Paulo diz nas outras; nem mesmo Romanos pode ser entendida como síntese do pensamento paulino; e) a referência teológica que a apocalíptica judaica proporcionou a Paulo deve ser levada em consideração, ao menos em parte em várias cartas; f) para Paulo, ética e práxis vivencial são inseparáveis; g) é preciso ter em vista, sempre, o relacionamento hermenêutico complexo em que Paulo

¹⁰ J. MURPHY-O’CONNOR, *Paulo: Biografia crítica*, São Paulo: Loyola, 2000, pp. 115-141.

¹¹ D. LUCIANI, “Paul et la loi”, *Nouvelle Revue Théologique* 115 (1993) 40-68.

¹² GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 316.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ J.C. BEKER, “Paul’s Theology: consistent or inconsistent”, *New Testament Studies* 34 (1988) 364-377, *apud* GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 316.

¹⁵ GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 317.

interpreta a tradição judaica de seu meio, especialmente a farisaica, e o *Kérygma* das primitivas comunidades cristãs.

A partir daí surgiram algumas tentativas de construção da “Teologia de Paulo”. J.C. Beker¹⁶ procurou na apocalíptica judaica um substrato e simbolismo-mestre do pensamento de Paulo, pelo qual ele interpretaria o evento-Cristo (Gl 1,12.16; 2,2)¹⁷. Este modelo, porém, não satisfaz, porque não distingue com clareza todos os passos do processo hermenêutico seguidos por Paulo: não evidenciou o inter-relacionamento entre o evento-Cristo, a Salvação e a ética daí derivada¹⁸.

Outro modelo foi proposto por R.B. Hays, em seu estudo, publicado pela Society of Biblical Literature, “Crucified with Christ: A Synthesis of the Theology of 1 and 2 Thessalonians, Philemon, Philippians and Galatians”, Atlanta: Scholars Press, 1990¹⁹. Para R.B. Hays Paulo recebe dos primeiros cristãos o mundo simbólico da ação apocalíptica de Deus em Jesus Cristo. Disto Paulo deixou alusões em 1Ts 1,9-10; 4,13-18; 5,9-10; Fl 2,1-13; Gl 3,13-14; 4,3-7; 5,1. Segundo R.B. Hays o Evento-Cristo, o envio do Filho por Deus, o Filho crucificado, é continuidade da mesma ação salvífica divina da humanidade que teve início na Promessa a Abraão²⁰. Assim se entende por qual motivo o retorno do Cristo ressuscitado é tão esperado na Parusia. Não só Paulo associa Cristo com a Eleição do Povo de Deus, Israel, como também vê esta Eleição estendida a todos os povos da terra, os gentios²¹. Assim para R.B. Hays o Cristo crucificado é o centro do drama salvífico, mas não seu desfecho, que se dará somente na Parusia²².

Apesar de seus limites, os modelos de J.C Beker e de R.B. Hays significaram algum progresso. E tiveram defensores, em seu ambiente anglo-saxão, na busca da reconstituição da teologia que Paulo teve em mente, ao menos até o momento em que tratou a problemática de Gálatas e Romanos²³. Porém estes e outros autores continuaram a procura, não declarada, de um “centro” da Teologia Paulina. No entanto, distanciando-se de algum modo desta ideia de um “centro”, J.C. Beker dizia que vários temas-chaves paulinos se entrelaçam como os anéis da bandeira olímpica, numa sequência em que nenhum deles ocupa um “centro”, mas onde todos se complementam e se relacionam inseparavelmente²⁴.

¹⁶ BEKER, “Paul’s Theology: consistent or inconsistent”, e *The Triumph of God: The Essence of Paul’s Thought*, Philadelphia: Fortress, 1980.

¹⁷ GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 319.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Apud* GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 321.

²⁰ Cf. Gn 12,1-3.

²¹ GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 321.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*

²⁴ *Ibid.*, p. 322.

Afinal, muitos exegetas consideram necessário ter um modelo construtivo da Teologia Paulina não reduzido a temas exclusivos, mas um modelo flexível, a ser considerado em cada período em que Paulo está processando seu pensamento ao longo de sua biografia. O que Paulo nos legou por escrito, não foi um processo cabal formativo de sua teologia, nem seu resultado final²⁵.

Importa ter presente o fato de Paulo ter deixado em suas cartas a interação que vivenciou através de sua experiência pessoal da fé com a teologia recebida da Igreja primitiva. O conteúdo deste processo na recepção e assimilação e transformação da tradição da Igreja, é a mensagem de Paulo, aquela que ele chama de “Palavra de Deus”, “Palavra do Senhor” (1Ts 1,6,8; 2,13), e que denomina, por fim, seu “Evangelho” (1Ts 1,5; 2,4)²⁶.

A este ponto A. Gignac lança a questão: não estaria no Evangelho de Paulo (Rm 2,16; 16,25; 1Ts 1,5; 2Ts 2,14; 2Cor 4,3; 2Tm 2,8; cf. Gl 1,8.11; 2,2; 1Cor 15,1.11) o “centro” de sua teologia? Aí teríamos a base para a síntese tão esperada. Porém aqui nos deparamos com um problema: Paulo nunca descreveu o conteúdo por inteiro de seu Evangelho, em escrito nenhum. Mas sabemos que a maior insistência de Paulo está na Salvação oferecida através da Morte e Ressurreição de Jesus, cuja Parusia é esperada por todos os que lhe confiaram suas vidas e existências²⁷.

A ênfase que Paulo dá à aceitação da Cruz de Cristo conduz à ética dela decorrente, ética da imitação, eminentemente paulina: como Cristo foi obediente até a morte, e morte de cruz, todos devemos ser obedientes como ele: Fl 2,5-11. Ora, isto não é senão uma aplicação na práxis, na vida cristã, de um dos dados essenciais do *Kérygma*: a morte do Filho, ressuscitado dos mortos pelo Pai (1Ts 1,10), precisamente porque foi obediente até a morte (Fl 2,8). Esta ética não está desvinculada do prêmio futuro: assim como a obediência de Cristo o levou a ser glorificado pelo Pai (Fl 2,9-11), também nós, que com Ele morremos, com Ele seremos glorificados (Rm 6,5)²⁸.

A tentativa de A. Gignac é justificável, porque o mesmo Paulo dá grande importância a “seu” Evangelho. Uma vez aceita a proposta, somente resta como possibilidade de um estudo ulterior, o aprofundamento deste núcleo da Teologia Paulina. Porém tal núcleo somente pode ser esclarecido a partir do momento em que vários pontos de detalhe estejam de tal forma bem definidos que lhe proporcionem uma imagem de grande definição. Quanto

²⁵ *Ibid.*, p. 324.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*, pp. 324-325.

²⁸ Cf. GIGNAC, “Comment élaborer une théologie paulinienne aujourd’hui?”, p. 325.

mais nítidos forem os detalhes, mais nítida será a imagem em seu conjunto. Isto supõe um esquadrinamento com lupa sobre os mesmos textos, tantas vezes quantas necessárias, para focalizar todos os pormenores significativos e necessários para daí depreender a imagem mais nítida possível. Muitos detalhes poderiam ser examinados, neste sentido, na correspondência de Paulo com os tessalonicenses, como sua alegria pela conversão dos gentios, sua tristeza por ter que deixá-los precipitadamente, sua presença em Tessalônica como modelo cristão a ser imitado²⁹, sua esperança em seu progresso posterior, etc.

Objetivos deste estudo

O presente trabalho pretende ampliar apenas um detalhe de um ponto específico da Teologia Paulina: o processo pelo qual os tessalonicenses aceitaram o Deus Vivo e Verdadeiro, anunciado por Paulo e seus auxiliares. Tal processo implicou um determinado relacionamento humano que obteve o êxito esperado por Paulo. Trata-se do relacionamento mútuo de confiança e amizade entre Paulo e os tessalonicenses.

Não será uma busca a mais de um “centro” da Teologia Paulina, mas de algo diverso, um aspecto ainda não considerado no estudo de 1Ts. Tendo em mente o profundo significado que a Morte e Ressurreição e Parusia de Cristo adquirem no Evangelho de Paulo, este estudo é uma leitura de 1Ts sob o viés da confiança mútua entre os personagens por ela envolvidos. É pela confiança em Paulo, Silvano e Timóteo que os tessalonicenses confiam primeiro no Deus vivo e Verdadeiro em quem eles creem e a quem confiam suas existências. Neste Deus Vivo e Verdadeiro os tessalonicenses passam a crer com convicção a ponto de abandonarem seus ídolos (1Ts 1,9), e mais ainda, creem no Senhor Jesus, que em sua Parusia virá libertá-los da ira futura do juízo final (1Ts 1,10).

O comprometimento dos tessalonicenses com o Deus Vivo e Verdadeiro não poderia acontecer antes que os tessalonicenses tivessem conhecido Paulo e seus colaboradores, Silvano e Timóteo. Os tessalonicenses observaram seus evangelizadores: eles eram modelos de uma confiança inabalável em Deus³⁰. Por outro lado, Deus mesmo mostrava sua confiança em Paulo e seus auxiliares, porque por meio deles Deus realizou uma obra que homem algum realizara antes em favor dos tessalonicenses. Por fim, convertidos,

²⁹ Como o faz, por exemplo, F. MATERA, *Ética do Novo Testamento: Os legados de Jesus e de Paulo* = Nova Práxis Cristã, São Paulo: Paulus, 1999.

³⁰ G. BARBAGLIO, *As Cartas de Paulo (II)*, S. Paulo: Loyola, 1991, p. 70.

os tessalonicenses imitam seus evangelizadores e se tornam, também eles, evangelizadores da Macedônia e da Acaia (1Ts 1,4-10).

Tal comprometimento dos tessalonicenses com Deus tem seu início num momento único da biografia paulina: o da missão de Paulo na Macedônia, em Tessalônica, isto é, após a evangelização de Filipos, por sua vez antecipada pela da Galácia, pelas missões da Igreja de Antioquia do Orontes: Panfília, Pisídia e Licaônia, ainda sob a autoridade de Barnabé³¹.

1. Paulo antes de Tessalônica

Não se entende o Paulo autor de 1Ts sem conhecer sua biografia anterior.

Seus conhecimentos teológicos anteriores como rabino, sua experiência de Jesus Cristo e da Igreja são notórios: formado rabino em Jerusalém, perseguidor dos cristãos (Gl 1,13), chamado desde o seio materno como Jeremias (Gl 1,15, cf. Jr 1,5), e tendo recebido de Deus a revelação do Filho (Gl 1,16), foi enviado aos gentios (Gl 1,16) por iniciativa de Deus e não dos demais apóstolos de Jerusalém (Gl 1,17). Instruído por Pedro (Gl 1,18), exerceu o ministério na Síria e Cilícia (Gl 1,20). Decidido a desvincular o Evangelho da Torah, rejeitou a circuncisão (Gl 2,1-6) e foi confirmado por Tiago, Cefas e João, como enviado aos gentios (Gl 1,7-9).

Sua chegada a Tessalônica foi precedida pelo período missionário de Antioquia do Orontes (At 11,25), comunidade que se convencera de que a todos os gentios Deus queria dar os mesmos benefícios das Promessas a Abraão (Gl 3,16-17), cumpridas em Cristo (Gl 3,14.23-29; 4,4-7) sem a exigência da circuncisão. Somente a fé em Cristo, morto e ressuscitado pode garantir a salvação que consiste na Vida do Deus Vivo que Cristo dá aos que nele creem (Gl 3,21; 3,21).

Na chamada “primeira viagem missionária” sob autoridade de Barnabé, foi feito missionário por decisão do Espírito Santo, pela imposição das mãos e envio pela comunidade de Antioquia do Orontes (At 13,2-3). Sua autocompreensão como enviado de Cristo se confirmou em seu apedrejamento em Listra (At 14,19-20; 2Cor 4,10; 11,13.25; 2Tm 3,11-12).

Na “segunda viagem missionária”, agora como líder e ajudado por Silvano (At 15,40), visitou as comunidades fundadas antes com Barnabé. Foi então que se lhe juntou Timóteo (At 16,1-3), dando início a uma equipe propriamente paulina. Adoecido após Antioquia da Pisídia, passou pela Galácia (Gl 4,13). Curado, foi para Troas e de lá para a Macedônia (At 16,7-10). Com sucesso evangelizou Filipos (At 16,11-14), não sem sofrimentos (At, 16,16-40; 1Ts 2,2).

³¹ MURPHY-O'CONNOR, *Paulo: Biografia crítica*, pp. 115-141.

É a esta altura da biografia de Paulo que se dá a evangelização de Tessalônica (At 17,1). Paulo ainda não tinha participado do “Concílio de Jerusalém” (At 15; Gl 2,1-10), nem entrara em conflito com Pedro (Gl 2,11-14) que se distanciara das comunidades gentílicas de Antioquia. Em momentos pontuais, anteriores a sua chegada à Macedônia, Paulo tinha enfrentado o problema de sua credibilidade como apóstolo (At 9,26-30; Gl 1,22-23). Em ambos estes casos os que desconfiam de Paulo são cristãos, não gentios. Em Tessalônica Paulo vai merecer o crédito dos gentios, que desta maneira são levados à mudança radical de suas crenças. Tais gentios ignoravam a vida anterior de Paulo; mesmo que posteriormente tenham tido dela conhecimento, o fator principal de sua adesão ao Deus de Paulo foi a confiança que Paulo neles inspirou.

2. O Paulo que se revela em 1Ts

O Paulo que se nos mostra em 1Ts é um homem maduro, experimentado na obra missionária, no contato com etnias de culturas diversas, provado nos muitos sofrimentos de longas e perigosas viagens (2Cor 6,5; 11,22-29). Leva a Tessalônica um projeto evangelizador muito preciso: converter os gentios dos ídolos ao Deus Vivo e Verdadeiro (1Ts 1,9), Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu e foi trazido de volta à Vida por Deus (1Ts 1,10), e que no Dia do Senhor (1Ts 2,19) virá livrar da ira divina os fiéis (1Ts 1,10). Estes também foram destinados a entrar no Reino da Glória de Deus (1Ts 2,12), evento que se dará no fim da história dos homens (1Ts 3,13; 4,15; 5,23-24). É deste grande plano divino que Deus faz de Paulo um colaborador privilegiado, porque o que leva aos homens não são palavras ouvidas de outros homens, mas a Palavra do próprio Deus (1Ts 2,13), sobre o projeto divino da salvação dos gentios (1Ts 2,16).

Para conhecermos a autocompreensão de Paulo no momento em que evangeliza Tessalônica somente contamos com as Cartas aos Tessalonicenses. Podemos confiar em suas palavras, tal como a comunidade nelas confiou e, por este motivo, guardou estes escritos até que a Igreja os integrasse no Cânon do NT.

Nestes escritos Paulo revela seu senso de responsabilidade quanto à missão que Deus lhe confiou, dado fundamental no relacionamento de Deus com Paulo e de Paulo com Deus (1Ts 2,4.5.10). Este relacionamento não passa despercebido pelos tessalonicenses, que o confirmam (1Ts 2,10), e por sua vez confiam tanto em Paulo como em sua equipe, Silvano e Timóteo, que procedem do mesmo modo (1Ts 1,6); os tessalonicenses por sua vez são acolhidos por Deus entre os Eleitos, como Israel (1Ts 1,4-5), e se tornam eles mesmos imitadores de Paulo, Silvano e Timóteo, passando a difundir o Evangelho (1Ts 2,7-8). O traço mais marcante destes relacionamentos mútuos é o da confiança: entre Deus e Paulo, entre Paulo e Deus, entre Paulo, Silvano e Timóteo e os tessalonicenses, e entre os tessalonicenses e Deus.

3. O caráter único de 1 Ts

Poucos se detêm a considerar o caráter único de 1Ts no NT.

Este escrito foi o começo de um processo evangelizador à distância, depois de um primeiro contato de Paulo com a comunidade³². O motivo de 1Ts foi atender às necessidades de uma comunidade apenas fundada, respondendo a seus problemas próprios daquele momento. Até então ninguém, entre os demais missionários da Igreja, tinha recorrido a este meio de evangelização³³. Paulo foi o primeiro, pressionado pelas circunstâncias angustiantes pelas quais passava em Atenas ou Corinto (At 17,16; 18,1.5)³⁴. O resultado foi positivo. Uma vez escrita 1Ts e levada a Tessalônica por Timóteo (1Ts 3,2.6), motivou a redação de 2Ts (1Ts 3,6; 2Ts 1,1). Foi apenas o início de um processo bem sucedido que Paulo continuará a pôr em prática em circunstâncias similares relacionadas com outras comunidades. Assim nasce o epistolário paulino.

1Ts revela simultaneamente tristeza e esperança. Tristeza provocada pelo abandono da comunidade às pressas, com a fuga de Bereia para Atenas, mais a decepção com esta cidade. Ao mesmo tempo, com esperança, exterioriza seu íntimo: seu afeto pelos tessalonicenses é grande. Sente necessidade de revê-los (1Ts 2,17-18; 3,1), receber deles o conforto afetivo e confirmação de que não se perderam sob as investidas do “tentador” (1Ts 3,5). Está impedido de voltar a Tessalônica pela distância por terra³⁵ e pelos judeus que o perseguiram desde Bereia (At 17,10).

Foi assim que 1Ts surgiu, num momento crítico para Paulo e para os tessalonicenses. Seu resultado superou as expectativas de Paulo e seus destinatários. Outras se seguirão, com esquema semelhante: agradecimentos, parte instrutiva e parte exortativa. É um Paulo principiante num novo processo evangelizador, por meio de cartas, uma fórmula que deu certo. Ele recorrerá a este meio não somente por sua decisão, mas, certamente, motivado por sua equipe. Silvano e Timóteo sabiam escrever cartas, e Paulo os menciona na abertura de 1Ts (1,1). Entende-os como eficazes

³² M. PESCE, *As duas fases da pregação de Paulo: Da Evangelização à Guia da comunidade* = *Bíblica Loyola* 20, São Paulo: Loyola, 1996, pp. 63-88. A primeira fase foi a da presença física do apóstolo; a segunda foi a da correspondência epistolar com os tessalonicenses.

³³ B. RIGAUX, *Saint Paul: Les Épitres aux Thessaloniens*, Paris: Lecoffre / Gembloux: Duculot, 1956, p. 3.

³⁴ *Ibid.*, pp. 31-34. Contra Rigaux, que defende a escrita de 1Ts em Corinto, cf. MURPHY-O'CONNOR, *Paulo: Biografia crítica*, p. 120: 1Ts teria sido escrita em duas partes, enviadas de Atenas ou arredores.

³⁵ MURPHY-O'CONNOR, *Paulo: Biografia crítica*, p. 120. A distância, por terra, entre Atenas e Tessalônica era aproximadamente de 500 km. No inverno, viajar por mar para Tessalônica seria risco de vida.

colaboradores e os inclui, ao dirigir-se aos tessalonicenses, no pronome “nós” – *hemeis*, que neste diálogo epistolar tem como interlocutores os tessalonicenses, “vós” – *hymeis*³⁶.

4. Como deprender a mensagem de “confiança” presente em 1Ts

As variadas expressões de confiança mútua presentes em 1Ts exige um rápido exame do campo semântico do conceito-chave “confiança”, expreso por *pístis* e seus cognatos. Esta “confiança” não se apresenta isolada em 1Ts, mas em íntima relação com *agápe*, o afeto amor, a caridade fraterna, e com a esperança, *elpís*, em 1Ts 1,3.

A confiança mútua entre Paulo e os tessalonicenses poderia ser estudada a partir do binário “modelo” *typos*, de 1Ts 1,7, e “imitador”, *mimetés* de 1Ts 1,6. Porém o estudo de “confiança” *pístis* e termos afins supre suficientemente tanto o que nos viria do exame de *typos/mimetés* como de *agápe* e *elpís*.

“Confiança” é aquela qualidade ética/moral pela qual alguém assegura a outros a credibilidade de seus princípios, afirmações e ações através da coerência de seu proceder³⁷.

O tema “confiança” em 1Ts se apresenta em diferentes formas, semântica e tematicamente. Isto é, não somente no campo semântico de *pístis* e seus cognatos, mas também entrelaçado com outros temas afins e o proceder das personagens envolvidas por vários motivos e diferentes modos.

Este campo semântico, em 1Ts, consiste no substantivo *pístis* – fé/confiança, o verbo *pisteuo* – crer/dar crédito, confiar, e o adjetivo *pistós* – confiável/digno de fé/fiel³⁸.

Nos Escritos Paulinos o substantivo *pístis* tem ampla gama de significados, sendo o mais frequente o de “fé” (por ex.: Rm 1,17: “... o justo vive de fé”).

³⁶ S. LÉGASSE, *Les Épîtres de Paul aux Thessaloniens* = Lectio Divina, Commentaires 7, Paris: Cerf, 1999, pp. 54-59. À p. 55 conclui que pelo uso de *hemeis* Paulo inclui seus colaboradores, Silvano e Timóteo. Outra possibilidade seria entender *hemeis* como referência de Paulo e os tessalonicenses, o que pode acontecer em alguns casos em 1Ts; mas *hemeis* não é o plural majestático; o mesmo é dito por T. HOLTZ, *Der erste Brief an die Thessalonicher* = Evangelisch-Katholischer Kommentar zum Neuen Testament, Bd. XIII, Neukirchen-Vluyn: Benziger, 1986, p. 14, nota 29.

³⁷ A.B. de HOLANDA FERREIRA, *Aurélio Século XXI*: Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

³⁸ W.F. ARNDT / F. WILBUR GINGRICH, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, Second Edition, Revised and Augmented by F.WILBUR GINGRICH and FREDERICK W. DANKER, from Walter BAUER'S Fifth Edition, 1958, Chicago / London: University of Chicago Press, 1979.

Mais raro, e numa construção sintática particular, significa “confiança”, quando está com a preposição *prós* = “em”, referida a uma pessoa ou a alguma coisa em que se confia e se crê. É o que se encontra em 1Ts 1,8: *he pístis hymôn he pròs tòn theón* = vossa confiança em Deus³⁹.

O verbo “confiar/crer/ter fé em” é *pisteuo*, também com vários significados. Diz “confiar algo a alguém” em 1Ts 2,4: Deus confiou seu Evangelho a Paulo, *dedokimásmetha hypò tou theou*, isto é: “Deus nos considerou ‘dignos de nos confiar’ o Evangelho⁴⁰. A construção grega força a portuguesa para que o significado original do verbo *dedokimásmetha* seja evidenciado. O mesmo sentido deste verbo aparece em Gl 2,7: “... foi confiado a mim o Evangelho dos incircuncisos como a Pedro o dos circuncisos”. Em Rm 3,2 Paulo diz que “as revelações (*lógia* = palavras, revelações) de Deus foram confiadas aos judeus”.

O adjetivo “confiável/digno de fé/fiel” é *pistós*. Na maioria de seus usos diz o “fiel”, isto é, aquele que crê em Deus, o crente. Menos frequente, como “digno de confiança”, aparece em 1Ts 5,24: “Deus que vos chamou, é digno de confiança”. Poder-se-ia traduzir também: “Deus que vos chamou é fiel”; porém o motivo da afirmação é a certeza de que no poder de Deus os tessalonicenses podem confiar: é este Deus quem vai realizar o que os homens não são capazes de fazer por si mesmos, no dia da Vinda do Senhor: 1Ts 5,23. O mesmo uso deste adjetivo aparece em 1Cor 1,9; 10,13; 2Cor 1,18⁴¹.

Pistós também é o adjetivo que qualifica como plenamente confiável a “Palavra”, *logos*, em 1Tm 1,15; 3,1; 4,9; 2Tm 2,11; Tt 3,8⁴². Cristo é *pistós* em 2Ts 3,3, e Timóteo é *pistós* em 1Cor 4,17.

Pelo fato de estes três termos serem tão profundamente relacionados com o conceito judaico-cristão de “fé”, o aspecto de “confiança”, que precisamente precede a decisão pelo crer, ter fé, passa despercebido em muitos casos. Neste estudo pretende-se salientar esta “confiança” prévia à adesão à fé, à sua confissão e propagação.

5. As diferentes expressões da confiança mútua em 1Ts

Este estudo seguirá este esquema:

- a) a confiança de Deus em Paulo;
- b) a confiança de Paulo em Deus e no Senhor Jesus;

³⁹ ARNDT / WILBUR GINGRICH, *A Greek-English Lexicon*, p. 661, § 2a.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 662, § 3.

⁴¹ *Ibid.*, p. 664, § 1aß.

⁴² *Ibid.*, p. 664, § 1b.

- c) a confiança de Paulo nos tessalonicenses;
- d) a confiança dos tessalonicenses em Paulo;
- e) a confiança dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus.

Cada um destes itens pode proporcionar tanto o aprofundamento sobre a Teologia Paulina própria de 1Ts como matéria de reflexão para nós, cristãos, teólogos, missionários e leigos em nossos dias, através da comparação entre a vivência da fé dos tessalonicenses e a nossa.

5.1. A confiança de Deus em Paulo

Não se encontra em 1Ts um pronunciamento propriamente divino da confiança de Deus em Paulo. Tudo o que podemos depreender da confiança que Deus nele depositou por sua decisão soberana (cf. 1Cor 9,16), é-nos dito pelo próprio Paulo.

Em 1Ts esta temática aparece em 2,4.5.10.12.13.16.

Em 1Ts 2,4 Paulo diz que Deus lhe confiou seu Evangelho após considerá-lo digno desta missão. Como soube disto e como pôde afirmá-lo tão categoricamente? A resposta vem nas entrelinhas de seus Escritos: Paulo mantém diálogo constante com Deus, ora, sem cessar, e ensina o mesmo (1Ts 1,2.3; 2,13; 3,10). Em oração, ou mesmo sem ter consciência de estar neste estado de contínua oração, sabe que Deus perscruta seu coração e o encontra reto: 1Ts 2,4. Mais tarde dirá aos coríntios que se comporta diante deles com aquela santidade e retidão que procedem de Deus e não da sabedoria humana: 2Cor 1,12. Dirá aos coríntios que seu juiz é o Senhor: 1Cor 4,1-5. O Deus Pai e o Senhor Jesus que o perscrutam não são os juízes terríveis das pessoas de consciência pesada pela culpa ou pelo coração fechado para o amor de Deus. Para Paulo, portanto, este perscrutar é uma ação constante da parte de Deus em sua vida, a começar pelo seu íntimo mais íntimo; perscrutando-o continuamente, Deus constata como Paulo é digno, é homem de coração reto e puro, sem falsidade. Deus nunca lhe demonstrou desconfiança, caso contrário Paulo não encontraria, em si mesmo, forças para cumprir sua missão⁴³.

Em 1Ts 2,5 escreve de modo incisivo, forte e ousado: "... não estivemos entre vós usando de palavras adadoras, como sabeis, nem com ganâncias ocultas, Deus é testemunha ...". Se Deus é a testemunha a qual Paulo pode apelar, é porque tem certeza de que nele Deus confia. Para reforçar o testemunho de Deus, repete a mesma afirmação em 1Ts 2,10: "vós sois testemunhas, e também Deus, de como, em vossa presença, os fiéis, nos

⁴³ RIGAUX, *Saint Paul: Les Épîtres aux Thessaloniens*, p. 409, sobre o verbo *dokimázein* de 1Ts 2,4: "Il s'agit d'un acte de Dieu qui perdure. Il y a de plus une nuance d'élection ajoutée à cette approbation: 'nous avons été éprouvés et constituons à être dignes de' ...".

comportamos de modo santo, justo e irrepreensível”. O “modo santo” é dito, em grego, pelo advérbio *hosíōs*, termo do âmbito litúrgico como o adjetivo *hósios* presente no Sl (LXX) 49,5 (TH 50,5). Este é o modo de proceder em santidade ritual no serviço a Deus, como é empregado, na LXX, em Sl 11,2; 17,26; 31,6. O que Paulo quer dizer com isto? Quer dizer que em seu relacionamento com Deus comporta-se como quem está num contínuo culto de adoração, com a requerida retidão moral e litúrgica. Os tessalonicenses puderam constatar como Paulo os tratou “de modo sacral”, “sacralmente”, correto. Este advérbio, portanto, fala-nos primeiro do relacionamento de Paulo com Deus, e, em consequência, como em Paulo Deus confia; secundariamente nos revela como este mesmo proceder de Paulo para com Deus reflete o relacionamento de Paulo com os tessalonicenses. Os tessalonicenses, por seu lado, terão sondado Paulo, Silvano e Timóteo, desde que chegaram a Tessalônica. Paulo pode dizer, confiando em si mesmo e em sua equipe: “Vós sois testemunhas, e Deus também, do modo santo, justo e irrepreensível com que procedemos em relação a vós, que credes” (1Ts 2,10).

A confiança de Deus em Paulo pode ser verificada de outro modo. Se Deus lhe confiou o Evangelho (1Ts 2,4), o mesmo Deus confirma a confiança que deposita em Paulo tornando a pregação de Sua Palavra eficaz por meio do mesmo Paulo: 1Ts 2,13: “ ... damos graças a Deus sem cessar porque acolhestes Sua Palavra, a que nós levamos a vós, os fiéis; não como palavra humana, mas sim como é de verdade, Palavra de Deus, pois ela está produzindo (em vós) seus efeitos”. O que decorre desta afirmação? É que Deus confia tanto em Paulo, que torna realidade tudo o que ele prega, e o que prega é o que Deus quer que pregue sem o corromper em nada.

Em outras cartas Paulo vai referir-se a si mesmo como colaborador da obra de Deus através de vários títulos: *synergós*, *diákonos* e *apóstolos*, termos notoriamente ausentes em sua correspondência com Tessalônica e Filipos. *Synergós* “colaborador” do Plano divino de salvação, Paulo aplica-o a si mesmo em 1Cor 3,9; em outros textos denomina *synergoi* vários de seus ajudantes, como Priscila e Áquila (Rm 16,3), Timóteo (Rm 16,21), Tito (2Cor 8,23). Portanto, ao redigir tais cartas depois do período macedônio, Paulo constata como a confiança de Deus nele o aproxima da obra do próprio Cristo, com quem Paulo quer sempre identificar-se na tarefa de seu ministério apostólico. Mais do que tudo, a confiança de Deus em Paulo fez dele Seu colaborador, que, por sua vez, hesita em apelar-se *apóstolos* (1Ts 2,7). Notar como em 1Ts *apóstolos* aparece apenas uma vez, em 2,7, como se Paulo não se sentisse digno deste título: ele diz de outros, os *apóstoloi*, que podem exigir seu sustento da comunidade. Paulo, portanto, não se intitula assim por iniciativa própria na fase de evangelização da Macedônia e em sua correspondência com os tessalonicenses e filipenses. Não inicia nem 2Ts nem Fl dizendo-se *apóstolos*, como iniciará outras cartas, depois do conflito de Antioquia e dos problemas da Galácia e Corinto. Naquelas

circunstâncias terá que se defender decididamente como *apóstolos*, contra os que lhe negam esta missão (Gl 1,1; 1Cor 1,1; 2Cor 1,1; Rm 1,1). As deuteropaulinas lhe atribuirão o mesmo título, confirmando como as Igrejas o aceitaram como tal: Ef 1,1; Cl 1,1; 1Tm 1,1; 2Tm 1,1; Tt 1,1. Outro título de colaborador de Deus é *diákonos*, notoriamente ausente na correspondência com os tessalonicenses e filipenses, isto é, na fase da evangelização da Macedônia. Paulo o aplicará a Cristo em Rm 15,8, a si mesmo e a Apolo em 1Cor 3,5; e apenas a si em 2Cor 3,6; 6,4 (cf. Ef 3,7; Cl 1,23.25). Talvez podemos supor que, se dependesse de Paulo, jamais daria a si mesmo seja o título de *apóstolos* seja o de *diákonos*. A fase macedônia de Paulo, portanto, é uma fase em que sua humildade a serviço de Deus se evidencia, é confirmada pelo próprio Deus e testemunhada pelas Igrejas macedônias. Quanto a sua consciência de colaborador legítimo de Deus, Paulo é um homem seguro e sereno. Passará ao combate em defesa de seu ministério – *diakonía* – depois da crise de Antioquia e da Galácia (Cf. 2Cor 3–4, Gl e Rm).

Esta participação na obra de Deus é tão importante para Paulo, que em 1Ts 2,16a diz: “... (os judeus) querem nos impedir de falar aos gentios, para que (não) sejam salvos ...”. Quem são os judeus para impedir que Deus realize seu Plano de Salvação por meio de Paulo? Podem impedir que Deus salve os gentios? A ira divina deve se abater sobre eles (1Ts 2,16), enquanto que para Paulo há a esperança de receber de Deus a recompensa por ter evangelizado os tessalonicenses, que na Parusia serão seu motivo de alegria e glória diante do Senhor (1Ts 2,19-20). A confiança de Deus em Paulo não só é confirmada pela correspondência do Paulo fiel a Deus, como pela obra que por meio dele Deus já realiza na Macedônia, e realizará no dia da Vinda do Senhor (1Ts 1,10; 5,24).

Como síntese a este item evidenciam-se os pontos seguintes: a) o coração de Paulo é de tal forma puro e reto que ao perscrutá-lo Deus nada constata contra a confiança nele depositada (1Ts 2,4); b) a partir desta constatação, Deus mesmo pode ser invocado como testemunha da retidão de Paulo perante os tessalonicenses, 1Ts 2,5; c) esta retidão de coração é impregnada da santidade sacral que a liturgia exige de quem presta culto a Deus, em sua presença, em oração: 1Ts 2,10; d) o testemunho de Deus não se limita à recomendação de Paulo aos tessalonicenses, mas efetivamente se manifesta tornando eficaz a pregação que Paulo leva adiante: 1Ts 2,13, manifesta-se também defendendo-o das manobras dos judeus contra a evangelização dos gentios: 1Ts 2,16; e) esta confiança de Deus em Paulo o leva a esperar o prêmio dos justos, retos, honestos e humildes: Deus o recompensará pela evangelização de Tessalônica: 1Ts 2,19-20. Em outras palavras: é a confiança de Deus em Paulo que demonstra como Paulo é santo perante os olhos de Deus que perscruta continuamente seu coração. Tal é a santidade que distingue o verdadeiro do falso apóstolo, título que o mesmo Paulo, sincera e realisticamente humilde, hesita em atribuir-se.

5.2. A confiança de Paulo em Deus e no Senhor Jesus

Está expressa em 1Ts 1,3; 2,1.2 e 3,10.11.13.

Ao que parece, a prisão de Paulo e Silvano em Filipos (1Ts 2,2; cf. At 16,16-40) teria de tal forma abatido a equipe que, se fosse entregue a si mesma, desistiria de qualquer outra fundação. Paulo não relata sua libertação em Filipos tal como o faz Lucas em At 16,25-34. Para Lucas se trata de uma intervenção milagrosa de Deus através do terremoto que abre o portão da prisão, seguida pela conversão do carcereiro. Paulo, por sua vez, em 1Ts 2,2 apenas menciona sua prisão e expulsão de Filipos como um insulto feito pelos magistrados romanos. E mais do que isto, a ameaça deles contra Paulo e seus colaboradores: não deviam mais permanecer na cidade. Este é o dado decisivo. Lucas o conserva em At 16,35-40. A Paulo e seus ajudantes nada mais resta do que despedir-se de Lídia e da comunidade (At 16,40), após a discussão com os litores e magistrados. Isto equivaleria à condenação ao mutismo na jurisdição romana de Filipos⁴⁴.

Paulo e seus colaboradores são tomados por um estado de ânimo angustiante. No entanto não se entregam à desolação. Reagem a ela, recordando-se da grandeza de sua missão. Decidem evangelizar Tessalônica. 1Ts 2,2 diz: "... mesmo tendo padecido e tendo sido insultados em Filipos, como sabeis (cf. At 16,19-24), Deus despertou em nós a ousadia de vos anunciar Seu Evangelho, mesmo entre muitas dificuldades". A expressão grega para dizer "tornamo-nos ousados em nosso Deus", *eparresiassámetha*⁴⁵ *en to theo hemôn*, mostra o motivo real da evangelização de Tessalônica. Este é um dado fundamental sobre a confiança de Paulo em Deus. É confiado em Deus que parte para Tessalônica, sabendo que ali Deus garantiria o sucesso da missão tal como em Filipos. Isto nos diz que a fundação de Tessalônica tem sua origem na confiança de Paulo em Deus. Como se convenceu disto? Foi pelo resultado obtido, apesar de ser expulso, desta vez por manobras de judeus. Em Atenas (1Ts 3,1), perante o fracasso no Areópago, vê com clareza a mão de Deus em Tessalônica. Que tal esforço não fora inútil, os tessalonicenses mesmos o confirmaram (1Ts 2,1). Esta confiança de Paulo em Deus não nascera apenas na Macedônia, é claro. Dirá mais tarde, como em outras ocasiões, que foi salvo por sua fé em Deus (cf. 2Cor 6,4-10; 11,23-28).

⁴⁴ J. MURPHY-O'CONNOR, *Paulo de Tarso: História de um apóstolo*, S.Paulo: Loyola, 2008, p. 90.

⁴⁵ RIGAUX, *Saint Paul: Les Épîtres aux Thessaloniens*, pp. 402-403: esta expressão reflete o modo ousado típico ateniense de falar em público ou em privado; seria uma das conquistas da democracia ateniense. Paulo tenha aprendido a agir e proceder assim em Atenas, naquele momento? Ele usa este verbo, *parresiádzesthai*, apenas em 1Ts 2,2. Mas em outros textos usa o substantivo *parresía*: 2Cor 3,12; 7,4; Fl 1,20; Fm 8; cf. Ef 3,12; 6,19; Cl 2,15; 1Tm 3,13. No NT aparece também em João, Marcos e Atos, com conotações diferentes. Na LXX este substantivo aparece muitas vezes, com sentidos muito variados; se foi em Atenas que Paulo se apropriou deste conceito, não o teria feito sem embasamento terminológico nas Escrituras gregas.

Por sua experiência precedente, Paulo habituado, desde sua formação judaica (cf. Lv 19,3; Dt 5,16; Sl LXX 88,27), a chamar Deus de “Pai”, em grego *patér*, em 1Ts 1,3 e 3,11.13 O chama, com os tessalonicenses, de “nosso Pai”. Esta imagem paterna que alimentou sua vida espiritual por todos os anos precedentes, e lhe deu a segurança que um pai pode dar, virá em 1 Ts 2,11-12; um bom pai exorta contra os erros dos filhos porque os ama, encoraja para que não desanimem perante os riscos da vida, e insiste para que vivam de modo digno de Deus. Para Paulo, Deus será sempre o *patér*: Rm 1,7; 1Cor 1,3; 8,6; 2Cor 1,2.3; Gl 1,3.4; 4,6; Rm 1,7; 15,6; Fl 2,11; 4,20. E, como Pai, Deus é para Paulo aquele ponto de referência inabalável contra tudo e em todas as circunstâncias da vida.

Em 1Ts 3,10 Paulo se encontra diante de uma impossibilidade intransponível. Não pode, absolutamente, retornar a Tessalônica, pelos motivos já conhecidos: os judeus de lá (1Ts 2,16), as artimanhas de Satanás (1Ts 2,18) tentador (1Ts 3,5), a distância geográfica⁴⁶, talvez falta de dinheiro para pagar passagem num barco, ou o mar fechado pelas tempestades do inverno.

Em 1Ts 3,10 Paulo faz uma oração de petição a Deus: pede a possibilidade de rever os tessalonicenses. Usa o verbo “rogo”, *déomai*; esta é a expressão mais forte de um pedido em oração; outro verbo, mais comum, é “peço”, *prosséuchomai*⁴⁷, que não usou aqui. Portanto a opção por *déomai* deve ter sido intencional, devido à gravidade da situação. Paulo repete *déomai* em Rm 1,10, para pedir a Deus a oportunidade de ir ver os romanos, estando em circunstâncias análogas às vividas em Atenas.

Mais surpreendente ainda é o fundamento para sua confiança em Deus. Ele o diz em 1Ts 3,11: “Deus nosso Pai e Nosso Senhor Jesus aplainem nosso caminho até vós”. Notar: somente Deus e o Senhor Jesus, e não os homens, poderiam tirar aqueles obstáculos. O que surpreende é o emprego do verbo “aplainar”, “tornar reto”, “guiar através de um caminho sem obstáculos”: *kateuthynai*, composto de *katá* + *euthys*, isto é, “retificar”, “abrir alas” e ideias afins. Paulo terá trazido esta ideia de Is 40,3: “Uma voz proclama: no deserto abri um caminho para o Senhor, nivelai a estepe, uma estrada para nosso Deus”⁴⁸. A tradição da Igreja primitiva dos evangelhos sinóticos interpretou Is 40,3 como profecia sobre a vinda do Messias: Mc 1,3; Lc 1,76.79. Porém em 1Ts 3,11 Paulo dá sua visão própria: não são pessoas que abrirão o caminho de Paulo para Tessalônica, como os que aplainaram os caminhos para o Messias, cf. Mc 1,3. Paulo afirma que quem pode abrir seu caminho até Tessalônica são o próprio Deus e Seu Filho, o Senhor Jesus. O que nos diz com isto? Dá a entender que sua obra

⁴⁶ MURPHY-O’CONNOR, *Paulo: Biografia crítica*, pp. 120, 320.

⁴⁷ RIGAUX, *Saint Paul: Les Épîtres aux Thessaloniens*, pp. 483-484.

⁴⁸ Cf. Is 40,3 na tradução da TEB.

missionária não é outra senão a mesma obra do Pai e do Filho, que com seu poder vão abrindo os caminhos para o Evangelho, processo divino do qual Paulo faz parte. É outra expressão da confiança ousada de Paulo. Seu compromisso é com Deus e com o Senhor Jesus. O compromisso de Deus e do Senhor com Paulo o insere na ação evangelizadora divina, da qual Paulo é apenas um colaborador, mesmo que não se intitule nem *synergós*, nem *diákonos*, nem *apóstolos*. Porém, a consciência de seu privilégio como colaborador de Deus como *apóstolos* e *diákonos* ainda está, pode-se supor, em germe em sua correspondência macedônia, para amadurecer mais tarde, em seus escritos posteriores. Isto se confirma quando se diz *diákonos*, isto é, “ministro”, em 1Cor 3,5 e 2Cor 3,6; 6,4. As deuteropaulinas confirmam que as Igrejas o aceitaram como *diákonos* “como dom da graça de Deus” em Ef 3,7, como *diákonos* do Evangelho que lhe foi confiado, Cl 1,23, e *diákonos* da Igreja, Cl 1,25. O amadurecimento deste raciocínio na mente de Paulo parece atingir o auge em Rm 15,8, onde diz que o primeiro *diákonos* do Pai é o Filho, o Senhor Jesus. Portanto, podemos supor, Paulo se identifica com o Senhor Jesus enquanto *diákonos* de Deus, de Sua obra salvífica em benefício dos gentios⁴⁹. Logo, é lógico que serão Deus e Seu Filho que abrirão o caminho de Paulo para Tessalônica. Como não confiar em Deus, se foi o mesmo Deus quem lhe deu este ministério? Paulo tem absoluta segurança, e nisto se confirma como colaborador da obra divina. De fato, o Evangelho que prega foi recebido de Deus e não dos homens, é Palavra de Deus (1Ts 1,8; 2,13; 4,15, cf. Gl 1,11). Esta é uma realidade em que Paulo crê e que somente ele capta e cuja realização constata com segurança. Outros fatos o confirmarão no futuro, garantindo a maturação de sua autocompreensão como ministro de Deus: Jesus abrirá para ele uma “porta grande” em Troas (2Cor 2,12), como também em Éfeso (1Cor 16,8; cf. At 14,27). É a realização de Is 40,3 por obra divina, aplainando os caminhos de Paulo, porque leva consigo o Cristo (Gl 2,20), ou melhor, com Cristo é Paulo que vai (cf. Rm 15,18-19).

Em outras palavras: retornar a Tessalônica naquele momento ultrapassa de tal modo as possibilidades humanas de Paulo, que somente o poder de

⁴⁹ Paulo jamais dirá que é “irmão”, *adelphós* do Senhor Jesus, embora este raciocínio se nos apresente como lógico, uma vez que chama Deus de “nosso Pai”. Isto se justifica pelo risco teológico que o mal-entendido resultante poderia provocar: se os tessalonicenses fossem chamados de irmãos do Senhor Jesus, que Paulo intitula “Filho de Deus” em 1Ts 1,10, os tessalonicenses incorreriam no erro de se entenderem “filhos de Deus” com a mesma natureza divina que o “Filho de Deus” tem, já ressuscitado. A própria teologia trinitária terá amadurecido na mente de Paulo com o tempo, até o fim de sua vida. Porém os problemas práticos de sua expressão verbal, junto com a pouca instrução dos gentios, deve ter protelado uma exposição sistemática de seu conceito de Trindade. Em 1Ts Paulo distingue claramente o Pai do Filho, o Senhor Jesus (1Ts 1,1.3; 3,11.13; 2Ts 1,1.2; 2,16). Podemos ter certeza, portanto, que na fase da evangelização da Macedônia Paulo não tem uma sistematização de sua teologia trinitária. Mesmo que a tivesse, por prudência não a deixou por escrito.

Deus poderia retirar os obstáculos. Mesmo que naquele momento Paulo não volte para lá, no futuro não terá os mesmos impedimentos.

Da exposição acima sobressaem os seguintes pontos e algumas considerações: a) a confiança de Paulo em Deus se funda em sua experiência de Deus como seu Pai, 1Ts 1,3; b) a confiança de Paulo em Deus desperta nele, em Silvano e Timóteo, a ousadia de tentar uma fundação em Tessalônica (1Ts 2,2); c) a oração de petição, expressa pelo verbo *déomai*, 1Ts 3,10, demonstra a esperança fundada numa confiança inabalável em Deus perante obstáculos intransponíveis no momento, confiança que em outras ocasiões da vida de Paulo lhe deu toda a segurança necessária em seu ministério apostólico; d) se foi ousadia fundar Tessalônica, maior ousadia é ter certeza de que um dia Deus e Seu Filho lhe abrirão os caminhos para lá, porque seu Evangelho é Palavra *de* Deus: 1Ts 3,11. Dito de outro modo: não há porque desanimar perante os obstáculos se Deus, Pai de Paulo e dos convertidos, é quem dá todas as garantias do bom êxito da obra missionária e suas conseqüências salvíficas. A confiança de Paulo em Deus pode-se comparar como uma plataforma operacional de todas as suas atividades apostólicas. Tudo o que faz enquanto apóstolo parte desta atitude. Antes de tudo Deus é um Pai em quem pode confiar plenamente, e manter-se em constante contato através da oração sem cessar (1Ts 1,2; cf. 5,17). Deste Pai recebe uma missão, que em primeiro lugar é obra do Pai e do Senhor Jesus, ou melhor, seu Evangelho é a Palavra de Deus e não dos homens (1Ts 2,13). Sua tarefa é instruir e conduzir os tessalonicenses ao Deus Vivo e Verdadeiro (1Ts 1,9), doutrina recebida da tradição da Igreja. Somente então, com base em toda esta segurança, é que se lança, ousadamente, à tarefa missionária, sem atrever sequer a intitular-se *apóstolos*. Mesmo que Paulo não diga que está construindo sua Teologia, na realidade passa pelo processo de seu amadurecimento. E neste processo, como bom teólogo⁵⁰, primeiro fala com Deus, para depois falar aos tessalonicenses sobre Deus e sua obra salvífica.

5.3. A confiança de Paulo nos tessalonicenses

1Ts mostra a confiança de Paulo nos tessalonicenses em 2,7.11.12.13.17.19.20 e 3,7.12.

O ponto de partida da confiança de Paulo nos tessalonicenses é o afeto que nele despertaram por tê-lo acolhido bem (1Ts 1,9; 2,1). De modo especial 1Ts 3,6 traz tanto o substantivo “confiança” – *pístis* –, como “afeto” – *agápe* –. A *pístis* dos tessalonicenses para com Paulo é entendida aqui

⁵⁰ Cf. C. BOFF, “Conselhos a um jovem teólogo”, *Perspectiva Teológica* XXXI /83 (1999) 77-96.

como “confiança”, e não “fé”. Paulo se sente seguro em dirigir-se a eles com a intimidade de um pai ou de uma mãe, fato que somente é possível a partir de uma confiança inicial crescente até à confiança total. Psicologicamente Paulo precisa deste apoio afetivo para levar adiante sua missão (1Ts 2,17.18; 3,7.8).

Pelo fato de os tessalonicenses darem ouvidos a Paulo, ele se encoraja à persistência no serviço a eles, mesmo em meio a muitas dificuldades (1Ts 2,1.2.9.15.16; 2,7; 3,5). Seu zelo se expressa em várias formas, inclusive em exortações para que continuem progredindo (1Ts 4,1.10; 5,12-22), e, mais surpreendentemente ainda, exorta-os a imitarem seu proceder (1Ts 1,5.6-10; 3,12 e 4,9), mostrando total segurança em seu relacionamento.

Mesmo podendo reivindicar sua autoridade como apóstolo para exigir seu sustento, prefere tratar os tessalonicenses como filhos: como mãe que os nutre e acalenta (1Ts 2,7). Outros missionários e apóstolos se faziam sustentar pela comunidade⁵¹. Quando, mais adiante, em 1Ts 2,9, diz que trabalhou dia e noite para não ser peso a ninguém em Tessalônica, está confirmando esta opção e sacrifício de sua vida (1Ts 2,9) pelos tessalonicenses.

A imagem da mãe que amamenta e aquece em seu seio seus bebês não poderia ser usada por Paulo se não tivesse tanta familiaridade com os tessalonicenses. Esta linguagem figurada se concretizou na atividade missionária e espiritual de Paulo: ele os nutriu na fé e os fortaleceu: 1Ts 1,5-10; 4,1.9. Como um pai, em sua concepção naquela época, Paulo assume a responsabilidade pela educação, formação moral através do exemplo de vida (1Ts 2,11-12)⁵².

Assim, com Paulo em figura de mãe e pai, os tessalonicenses se sentem irmãos numa só família. São irmãos não só de Paulo, mas de Silvano e Timóteo: “irmãos” em grego se diz *adelphoi*, palavra presente em 1Ts 1,4, com um acréscimo: “amados em Deus”. *Adelphoi* aparece também em 1Ts 1,9.14.17; 3,7; 4,1.10.13; 5,1.4.12.14.25.

Esta confiança nos tessalonicenses faz Paulo desejar estar em companhia deles. Longe, sente-se “pai-órfão”, em 1Ts 2,17: *aporfanisthéntes*, palavra composta pela preposição *apó* e *orfanós*, transferindo para o pai privado de filhos a condição de filhos privados de seus pais⁵³. Trata-se de um dos tantos *hápax*, isto é, termos únicos no NT: este somente é usado aqui. Ao que parece, Paulo o escolheu a dedo, para dizer quanto lhe custa estar longe dos tessalonicenses. Seria um desejo egoísta? Pelo contrário, rever os tessalonicenses tem um objetivo muito claro: ensinar o que faltou em sua

⁵¹ RIGAUX, *Saint Paul: Les Épîtres aux Thessaloniens*, p. 417.

⁵² *Ibid.*, p. 429.

⁵³ *Ibid.*, p. 457.

estadia em Tessalônica: 1Ts 3,10, temendo que o tentador (1Ts 3,5) lhe roubasse os filhos e os fizesse perder a herança que lhes dera com tanta fadiga. Em outros termos: esta é outra expressão do afeto que Paulo nutre pelos tessalonicenses; este afeto, por sua vez, se origina em seu amor por Deus Pai e pelo Evangelho que o Pai lhe confiou.

Na cultura judaica, qual função devia exercer um pai em relação aos filhos? 1Ts 2,12 o diz: “exortar/consolar” – *parakaleo*, “encorajar/estimular” – *paramythéomai*, “conjurar/persuadir” – *martyreo*⁵⁴. Paulo os exorta e consola várias vezes e por vários motivos: 1Ts 4,1.10; 5,14. Paulo os encoraja em 1Ts 5,15. Todas estas atitudes, deveres próprios de um apóstolo (1Ts 2,7), revelam o apóstolo que Paulo é.

Não aceitar seu sustento pelos tessalonicenses (1Ts 2,9) poderia provocar algum mal-entendido na comunidade. No entanto a caridade de Paulo é tão convincente que nisto não veem artificialidade alguma. O resultado Paulo o mostra em 1Ts 1,5-10; 4,1.9. Portanto confiar nos tessalonicenses foi a atitude correta assim que Paulo chegou a Tessalônica.

Paulo saboreia com Deus, em oração de gratidão, esta confiança que tem nos tessalonicenses: 1Ts 2,13; a Palavra que pregou como devia, foi aceita por pessoas movidas pela *pístis* – “confiança/fé” (1Ts 1,3.8; 3,5.6.7.10). Não levou aos tessalonicenses doutrinas de filósofo ambulante (1Ts 2,5), mas a “Palavra de Deus” – *logos theou*, (1Ts 2,13), a “Palavra do Senhor” – *lógos kyríou* (1Ts 1,8; 4,15).

Tendo tal confiança nos tessalonicenses, Paulo pode esperar que perseverem até a Parusia (1Ts 1,3.10), porque já perseveraram e o demonstram de vários modos (1Ts 1,3.4.6.7-10; 2,13.14; 3,6.7.8; 4,1.9.10; 5,4.8). E tal esperança já o enche de alegria, pregustando a glória de que participará com o Senhor em sua Vinda (1Ts 2,19.20).

Resulta da exposição acima a seguinte compreensão da confiança de Paulo nos tessalonicenses: a) Paulo foi recebido pelos tessalonicenses com afeto (1Ts 1,9) e tal afeto perdurou depois que saiu de Tessalônica (1Ts 3,6); isto explica porque os tessalonicenses passam a imitar Paulo e seus ajudantes (1Ts 1,6; 3,12); b) Paulo pode esperar que aceitem suas exortações de puro zelo por eles (1Ts 4,1.10; 5,12-22); c) Paulo corresponde com seu afeto em figura materna e paterna (1Ts 2,7.11-12), fazendo-os sentirem-se todos seus irmãos e amados pelo mesmo Pai (1Ts 1,4), uma grande família, mesmo sem usar este termo, *oikeia*, que somente aparecerá em Gl 6,10 e na deuteropaulina Ef 2,19; d) o constrangimento que Paulo poderia provocar não aceitando seu sustento pelos tessalonicenses (1Ts 2,9) foi superado por este relacionamento de confiança sincera: os tessalonicenses eram realmen-

⁵⁴ *Ibid.*, pp. 429-432.

te pobres, e a recusa de Paulo poderia humilhá-los; sua caridade os livrou desta situação embaraçosa; e) Paulo saboreia com seu Pai, em suas orações sem cessar (1Ts 1,2-3), esta liberdade que sente em relação aos tessalonicenses: o que teve que lhes ensinar foi aceito por eles (1Ts 2,5) como “Palavra do Senhor Jesus, de Deus” (1Ts 1,8; 2,13; 4,15); f) com esta confiança comprovada no presente, Paulo projeta para o futuro sua esperança em merecer a mesma confiança: os tessalonicenses, ajudados por Deus, perseverarão em santidade perfeita, irrepreensíveis, para a Vinda do Senhor Jesus (1Ts 5,23), quando serão para ele motivo de alegria e glória (1Ts 2,19-20). Assim a confiança que Paulo depositou nos tessalonicenses foi o fio com que teceu uma amizade duradoura, fundada na *agápe*, indispensável para dar coesão, firmeza e solidez a qualquer comunidade que se forma enquanto Igreja de Deus. Estavam postas as bases de uma eclesiologia que se utilizará da expressão “Igreja de Deus”, – *ekklesía tou theou* – a ser empregada nas cartas futuras (cf. 1Cor 10,32; 11,22; 15,9; 2Cor 1,1; Gl 1,13).

5.4. A confiança dos tessalonicenses em Paulo e seus colaboradores

1Ts 2,5.6.9.10 e 4,1 revelam a confiança dos tessalonicenses em Paulo.

Tal confiança brota do afeto de Paulo pela comunidade e se revela em seu empenho por ela; assim como da confiança em Deus procede o crer, ter fé, da confiança em Paulo nasce a credibilidade que os tessalonicenses nele depositam.

O que Paulo, Silvano e Timóteo terão feito e dito aos tessalonicenses para despertar neles a confiança de que os missionários necessitavam? De que modo conseguiram a conversão dos tessalonicenses? Paulo constata em 1Ts 1,6-9 o entusiasmo de uma comunidade pela admiração que nutrem pelos missionários a ponto de passarem a fazer o mesmo que eles, isto é, a imitá-los naquele novo gênero de vida, na conversão dos ídolos ao Deus Vivo e Verdadeiro, a aguardarem o Senhor Jesus ressuscitado em sua Parusia.

Jamais saberemos em detalhe como tudo isto aconteceu. Paulo é muito sucinto, mesmo sendo muito claro e convicto do que diz.

Para que alguém se convença a viver como outra pessoa, esta deve ter argumentos convincentes e proceder em coerência com eles. O exemplo arrasta. Gestos dizem muito mais que palavras. Mente e coração se envolveram num relacionamento interpessoal consistente de mútua confiança.

A coerência de vida dos missionários é claramente expressa pelo advérbio “irrepreensivelmente”, *améemptos*, de 1Ts 2,10, para qualificar o comportamento de Paulo e seus ajudantes. S. Paulo o usará em contexto escatológico do juízo final dos tessalonicenses perante Cristo em 1Ts 5,3. Portanto este advérbio, ao menos nestes dois usos em 1Ts, indica um ambiente de exa-

me, julgamento e comprovação do comportamento das pessoas em observação, como se fosse num tribunal. O comportamento irrepreensível é o esperado de todo homem honesto⁵⁵. Paulo não vai usar este advérbio nas cartas posteriores. Reserva-o para sua correspondência como os tessalonicenses. Caso semelhante se dá com o adjetivo cognato *ámemptos*, que Paulo somente usa em cartas aos macedônios⁵⁶: aos Filipenses Paulo diz que devem ser “irrepreensíveis” como filhos de Deus no meio de uma geração perversa e corrupta: Fl 2,15; e em 3,6 mostra como ele mesmo, enquanto fariseu idealista, era “irrepreensível”. Ou seja, de sua experiência pessoal do passado e do presente, traz este conceito que terá sido objeto de muita meditação e exame pessoal de sua coerência perante Deus e os homens. Assim como Paulo foi exigente consigo mesmo, quer que o sejam igualmente os tessalonicenses. O objetivo final, porém é o comparecimento diante do *Kýrios* no dia da Parusia: 1 Ts 2,19-20. Ou seja, o critério final pelo qual tanto Paulo, seus ajudantes e os tessalonicenses serão confirmados como “irrepreensíveis” e imaculados é o julgamento que Cristo fará deles. E Cristo pode fazê-lo, porque foi o primeiro exemplo de irrepreensibilidade. Paulo pode apelar para Deus, para que confirme sua irrepreensibilidade? 1Ts 2,5.10 o confirmam: “Deus é testemunha”. Por outro lado, os tessalonicenses, ao esquadriharem o comportamento de Paulo e seus auxiliares, confirmaram que procederam de modo profundamente religioso – *hosios* –, profundamente justo – *díkaios* – e totalmente irrepreensível – *ámemptos* – (1Ts 2,10), pelo que também eles disto eram testemunhas: *mártires* (1Ts 2,10). Foi deste modo que Paulo e seus auxiliares comprovaram a fidelidade de Deus e de Seu Filho, para que neles os tessalonicenses passassem a confiar e crer (1Ts 1,9-10).

O ensino de Paulo, Silvano e Timóteo consistia na “Palavra”. Portanto, por detrás de Paulo e sua equipe estava um Deus a ser descoberto através da confiabilidade e persuasão de sua “Palavra”. Paulo quer diferenciar, ao menos levemente, a “Palavra” de Deus e do Senhor do que chama de “Evangelho” (1Ts 1,5; 2,2.4.8.9; 3,2). O Evangelho é a mesma “Palavra” que dita por Paulo é confirmada pelo poder do Espírito Santo (1Ts 1,5); Paulo partiu de Antioquia do Orontes cheio do Espírito Santo para a primeira viagem missionária (At 13,4). É o Espírito que procede de Deus (1Ts 2,2.8.9) e Deus somente o confia a quem dele é digno (1Ts 2,4). Portanto, Paulo e seus ajudantes são dignos da confiança de Deus, e assim merecem a confiança dos tessalonicenses. De outra maneira podemos entender como os tessalonicenses acreditaram em Paulo e em seus ajudantes, mais tarde, quando puderam confirmar que o ensino que lhes foi transmitido era o da “tradição” doutrinal autêntica de toda a Igreja, a *parádosis*, de que Paulo fala em 2Ts 2,15; 3,6 e ainda em 1Cor 11,2. Esta *parádosis* não era outra coisa senão a “Palavra” (1Ts 1,6), “do Senhor” (1Ts 1,8), “de Deus” (1Ts 2,13).

⁵⁵ *Ibid.*, p. 427.

⁵⁶ *Ibid.*

Embora Paulo não se prolongue em 1Ts na descrição de seu Evangelho, sabemos qual era o conteúdo do *kérigma* inicial (1Ts 1,9-10; 3,13; 4,15.16.17; 5,2.4.9.23).

Paulo não polemiza contra os ídolos que os tessalonicenses adoravam. Não menciona sequer um nome da mitologia greco-romana existente em Tessalônica. Não é necessário⁵⁷. O Deus de Paulo de tal forma se revelou tanto mais convincente, que os tessalonicenses depressa abandonam seus ídolos. O que importa é que Paulo e seus ajudantes não adoravam tais ídolos, não os temiam, e se sentiam seguros no Deus em quem confiavam e confiam suas vidas. Este foi outro motivo pelo qual os tessalonicenses acreditaram em Paulo e em sua equipe.

Paulo não precisa recorrer a sua biografia anterior a Tessalônica. Mesmo que cheio de motivos para convencer os tessalonicenses em sua condição de apóstolo enviado por Antioquia do Orontes (cf. At 13,2.3), ou bem sucedido em Filipos, de que somente menciona os insultos (1Ts 2,2), a nada de seu passado deve ter apelado para merecer a confiança dos tessalonicenses a não ser sua coerência com que pregou e vivenciou o Evangelho (1Ts 2,10), junto com o afeto que dedicou a eles (1Ts 2,7-12). Se, por outro lado, fizesse sua aretologia, seria comparável aos filósofos ambulantes que enganavam o povo com palavras adadoras e interesse ganancioso por dinheiro (1Ts 2,3.5.6).

Confiantes em Paulo e em seu ensino, os tessalonicenses aceitaram o batismo, e com o batismo, o Espírito Santo (1Ts 1,5.6; 4,8; 5,19), prometido por Ez 36,27. De Deus aprenderam a caridade fraterna (1Ts 4,9.10), tal como Deus prometera pôr sua lei nos corações (Jr 31,33) no tempo da Nova Aliança (Jr 31,31-34).

Este item pode ser sintetizado nestes pontos: a) Paulo e seus colaboradores apresentaram aos tessalonicenses um Evangelho convincente sobre Deus e o Senhor Jesus (1Ts 1,6-10), porque é a Palavra de Deus e do Senhor Jesus (1Ts 2,13; 1,8; 4,15); b) Paulo e seus ajudantes são coerentes com o que ensinam (1Ts 2,10), porque vivem segundo uma moral santa, justa e irrepreensível; c) a mudança radical na vida dos tessalonicenses, por decisão deles, consiste na recepção do batismo, implicitamente dito pelo abandono dos ídolos (1Ts 1,9), praticam a caridade (1Ts 1,3; 4,9), e passam a ter firme esperança no Senhor Jesus que os livrará da ira divina em sua Parusia

⁵⁷ S. LÉGASSE, *Les Épitres de Paul aux Thessaloniens* = Lectio Divina, Commentaires 7, Paris: Cerf, 1999, p. 30; p. 32 nota 4, contra a hipótese de R. JEWETT, *The Thessalonian Correspondence: Pauline Rhetoric and Millenarian Piety, Foundations and Facets*, Philadelphia: Fortress, 1986, pp. 128-132. R. Jewett afirmou que os tessalonicenses adoravam uma divindade protetora dos trabalhadores manuais, Cabirus. É seguido por J. Murphy-O'Connor quanto a este ponto. Mas Paulo não se importaria com uma divindade menor, quando em todo o mundo da época as divindades dominantes eram os deuses da religião greco-romana.

(1Ts 1,10; 2,19; 3,13; 4,15; 5,23). Deus que confiara em Paulo para seu plano de salvação, trabalhara também nos tessalonicenses através da confiança que depositaram em Paulo e seus auxiliares. Com estas garantias o entusiasmo dos tessalonicenses cresce, a ponto de se tornarem imitadores dos missionários, isto é, missionários eles mesmos, e multiplicadores da mensagem do Evangelho por toda a Macedônia (1Ts 1,6-10). Foi deste modo que a adesão dos tessalonicenses ao Evangelho de Paulo deu origem à Igreja de Tessalônica.

5.5. A confiança dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus e suas consequências

1Ts 1,8 usa o substantivo *pístis* para dizer a confiança / fé dos tessalonicenses em Deus. Mesmo que à primeira leitura *pístis* possa ser traduzida por “fé”, é necessário ter presente a prévia “confiança” que Deus provoca nos tessalonicenses, antes que a depositem totalmente Nele em forma de “fé”. Aqui, portanto, *pístis* é vista ao mesmo tempo como expressão da “confiança” que antecede a adesão à “fé”⁵⁸ e a própria fé que os tessalonicenses passam a ter⁵⁹.

Porém é preciso perguntar: por quê e quando o Deus – *Theós* – e o Senhor – *Kýrios* – anunciados por Paulo, mereceram o crédito dos tessalonicenses a ponto de Neles confiarem suas existências e salvação futura, isto é, neles crerem em forma de *pístis*, “fé”? Foi somente quando constataram que o Deus e o Senhor de Paulo se demonstraram superiores às divindades falsas em que os tessalonicenses antes confiavam suas existências e esperanças. 1Ts 1,9 é o texto claro para dizer esta mudança: “vós vos convertestes dos ídolos para servirdes ao Deus vivo e Verdadeiro”. Paulo levou aos tessalonicenses um dos elementos fundamentais do *Kérygma* da Igreja primitiva, que pregava, antes de tudo, um Deus Vivo e Verdadeiro, o Deus autêntico contra as representações de falsas divindades.

Contra os ídolos de Tessalônica Paulo convence à fé no Deus Vivo e Verdadeiro. Falar dos ídolos era perda de tempo. No entanto continua a ques-

⁵⁸ ARNDT / WILBUR GINGRICH, *A Greek-English Lexicon*, *pístis*, §2a.

⁵⁹ Este raciocínio não é estranho ao modo como Paulo aprecia empregar certos termos cujo significado pode ser entendido de duas maneiras. Assim em 2Cor 3,18, ao dizer: “contemplando e refletindo a mesma glória do Senhor”, *tén dóksan kýriou katoptrizómenoí*, entende o verbo *katoptrizómenoí* como expressão de uma contemplação que ao mesmo tempo é reflexo da Glória do Senhor. Embora haja autores que prefiram uma ou outra tradução, “contemplar” ou “refletir”, Paulo preferiria que seus leitores entendessem ambos os significados para o mesmo verbo. A TEB diz: “Uma tradução completa seria: ‘nós contemplamos e nós refletimos’. O que era impossível no tempo de Moisés torna-se possível em Cristo. O que o homem contempla, reflete”. Sobre as diferentes interpretações deste verbo, ver J. LAMBRECHT, “Transformation in 2Cor 3,18”, *Biblica* 64 (1983) 243-254, especialmente às pp. 246-251.

tão: como os tessalonicenses se convenceram de que o Deus de Paulo, Silvano e Timóteo era o Deus Vivo e Verdadeiro, e Jesus, seu Filho feito “Senhor”, *Kýrios*? Nem em 1Ts, e nem em 2Ts, este processo é descrito. Somente podemos concluir, a partir destas epístolas, que os tessalonicenses chegaram a ter fé no Deus e no *Kýrios* de Paulo através da pregação e exemplo de fé do próprio Paulo e seus auxiliares. O Evangelho se confirmou convincente porque seu efeito foi a santificação constatada em Paulo e seus auxiliares. Mais do que isto, uma vez convertidos a Deus, os tessalonicenses têm consciência do efeito transformador que tal confiança no Deus Vivo e Verdadeiro provocou em suas próprias vidas. Não tinham amadurecido tais compreensões ainda e não eram capazes de verbalizá-lo, como o farão os efésios anos após a partida de Paulo daquela cidade⁶⁰. Somente Paulo constata esta transformação em 1Ts. Não há outro documento que nos dê notícias desta transformação dos tessalonicenses. Paulo os instrui para que se confirmem do que já constatam imperfeitamente. Os efeitos da fé no Deus Vivo e Verdadeiro que Paulo revela aos tessalonicenses são vários, dados a seguir.

Primeiramente, estão na “Eleição” de Deus, tal como o Israel de outrora (1Ts 1,4). E como os demais fiéis de outras terras. O conceito de “Eleição” – *eklogé* – provavelmente fora exposto na pregação inicial de Paulo aos tessalonicenses, ao menos sumariamente, pois pode recordá-lo em 1Ts 1,4.

Em segundo lugar, receberam o Espírito Santo (1Ts 4,8), implicação direta da “Eleição” por Deus. Mesmo que em 1Ts 1,5.6; 4,8; 5,19, Paulo não associe o Espírito Santo à “Promessa” de Ex 36,27 – pois não esclarecera aos tessalonicenses este conceito⁶¹ –, os tessalonicenses sabem que receberam o Espírito, que neles opera a alegria (1Ts 1,6), e a eficácia da obra evangelizadora e de conversão (1Ts 1,5, com 2,13). Sabem que por sua culpa podem “apagar” o Espírito, como quem apaga uma chama de fogo (1Ts 5,19), recurso com que Paulo quer lhes mostrar como é um privilégio receber a efusão do Espírito Santo por Deus (1Ts 4,8).

Em terceiro lugar, as tribulações consequentes da fé no Deus Vivo e Verdadeiro aparecem desde o início (1Ts 1,6; 2,14). Como as Igrejas da Judeia, que estão em Cristo Jesus, são maltratados na Macedônia. E isto confirma o acerto na opção pelo Deus Vivo e Verdadeiro: 1Ts 2,14.

⁶⁰ A Epístola aos Efésios não foi escrita por Paulo, mas sim por seus discípulos de Éfeso. Considerando a transformação que a conversão ao Deus de Paulo provocou neles, puderam dizer o que está em Ef 2,12-13: “... lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, excluídos da *Cidadania em Israel* e *estranhos às Alianças da Promessa*, sem *Esperança* e sem *Deus* no mundo! Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, fostes trazidos para perto, pelo sangue de Cristo” (maiúsculas e itálicos nossos, sobre a tradução da Bíblia de Jerusalém).

⁶¹ Paulo emprega “Promessa”, *epaggelia*, em cartas posteriores, especialmente Gl, Rm, 1 e 2Cor e 1 e 2Tm.

Em quarto lugar, passam a ter uma perspectiva histórico-escatológica, contra a visão grega cíclica do tempo⁶²: aguardam o julgamento do *Kyrios* em sua Parusia, sem temores, mas com grande confiança (1Ts 1,10).

Por fim, em quinto lugar, Deus mesmo lhes ensinou a caridade fraterna: 1Ts 4,9. Amam-se mutuamente, tal como a Nova Aliança de Jr 31,31-34 previu, e como profetizou Is 54,13 para os tempos messiânicos. Paulo não menciona uma Nova Aliança em 1Ts. Porém esta compreensão está em germe em sua mente, e irá amadurecer em 1Cor 11,3 e 2Cor 3,6.

Com tudo isto Paulo orienta o raciocínio dos tessalonicenses para o grande final de 1Ts: 5,23. É o dia decisivo para a Igreja e para toda a humanidade. Ele queria que a fé dos tessalonicenses de tal forma crescesse e se confirmasse como conquista pessoal e comunitária por toda a vida, até o momento em que o fim da história chegasse. Santificados em plenitude, antropologicamente falando, em *pneuma, psyché* e *sôma*, “espírito, vida e corpo/pessoa”, aguardam serenamente a Vinda do Senhor, para serem libertados da ira divina (1Ts 1,10).

Ao redigir 1Ts 5,23 Paulo tem certeza de que a confiança dos tessalonicenses em Deus os conduzirá à perseverança final. E para fortalecê-los ainda mais quer aprofundar tal confiança no Deus que já conhecem: o Deus fiel, que vai realizar toda a obra salvífica junto com os tessalonicenses: 1Ts 5,24.

Este item, portanto, se reduz a estes pontos: a) a confiança dos tessalonicenses em Deus (1Ts 1,8) antecede a adesão firme em “fé”, que Paulo constata em vários modos; b) o Deus do Evangelho de Paulo é superior a todos os deuses, ou melhor, é o único, Vivo e Verdadeiro (1Ts 1,9), definindo a inexistência dos representados pelos ídolos; c) a fé os transformou em Novo Povo de Deus, o Povo da Eleição (1Ts 1,4); d) com a eleição receberam o Espírito Santo (1Ts 4,8); e) com a força da confiança e fé em Deus, podem afrontar todas as tribulações (1Ts 1,6), pelas quais se tornam “Igreja” semelhante às Igrejas perseguidas da Judeia (1Ts 2,14); f) pela confiança depositada no Pai e no Senhor Jesus, serão livres da ira futura (1Ts 1,10), isto é, na escatologia depositam a esperança final no Senhor da história, que dará início à eternidade na pós-escatologia; g) enquanto aguardam a Vinda do Senhor, vivem em Igreja na caridade que aprenderam do próprio Deus (1Ts 4,9).

Conclusão

O problema em obter uma síntese da Teologia Paulina foi o ponto de partida deste trabalho. Rejeitado, em princípio, o pressuposto de um “centro”, num determinado tema, A. Gignac propôs buscar nas linhas gerais do Evangelho de Paulo a desejada síntese de sua teologia.

⁶² K. LÖWITZ, *Meaning in History*, Chicago: University Press, 1964, p. 7.

Porém muitos temas aí se entrelaçam, sem que se possa dizer que um só deles seja um eixo para todos. Todos se entrecruzam sob diferentes aspectos. Diferentes aspectos em detalhe podem iluminar tal processo em que Paulo construiu sua teologia. A exegese recente tem feito progressos aprofundando, precisamente, os mais diversos aspectos da Teologia Paulina. Detalhes examinados cuidadosamente podem oferecer soluções a problemas antigos, e nisto oferecer uma imagem cada vez mais nítida desta teologia, com definição cada vez maior, em vista de uma síntese geral. O processo iniciado pela Society of Biblical Literature é promissor, mas muito resta por fazer.

O trabalho apenas concluído aqui é mera colaboração neste processo. A confiança entre os personagens envolvidos na evangelização de Tessalônica foi o ponto focado em detalhe sob diferentes pontos de vista. E a confiança é um dos aspectos envolvidos num dos temas essenciais da Teologia Paulina: a Fé no Deus que salva (cf. Rm 1,16-17).

Em primeiro lugar a figura de Paulo que emerge deste estudo, é a de um homem modesto, apesar de sua formação teológica no rabinismo de Jerusalém. A missão que Deus lhe confia é grandiosa, mas ele não deixa que a vaidade ou ambição de poder o dominem. Nem sequer chega a se afirmar apóstolo com os direitos dos demais. Isto não diminui o otimismo que o domina ao escrever 1Ts. É um Paulo em contínua oração, intimamente unido a Deus, de quem haure a Palavra, seu Evangelho. É o Paulo que com confiança inabalável no poder de Deus enfrenta todos os obstáculos e encoraja os demais a não temer coisa alguma, mesmo o risco de não conseguir a perseverança final (1Ts 5,23-24). É o Paulo consciente de que sua missão não é outra coisa que continuidade da obra salvífica e poderosa do Pai e do Senhor Jesus. É o Paulo profundamente convicto da vinda gloriosa do Filho de Deus em curto prazo. Paulo mesmo gostaria que tal otimismo continuasse para sempre. Se isto tivesse acontecido, a imagem que teríamos dele seria muito diferente. Porém obstáculos imprevistos surgiram na própria Igreja de Antioquia, e houve o conflito com Pedro. Seguiram-se conflitos com as Igrejas da Galácia e de Corinto. Diante destes obstáculos, o otimismo de Paulo não esmorecerá, fundado na experiência anterior, consoladora, da conversão dos macedônios. Pelo contrário, a coragem com que Paulo enfrentou tais problemas nos possibilitou conhecer, nas cartas posteriores, os demais temas de sua teologia desenvolvidos sob medida para cada uma daquelas comunidades. Por detrás das decepções com os antioquenos, gálatas e coríntios, sempre estava a feliz experiência da confiança em Deus na fundação de Tessalônica. A esperança do bom êxito do Evangelho e da vinda gloriosa do Senhor continua nos fundamentos de sua confiança no mesmo Deus que de todos os perigos o livrou (cf. 2Tm 3,11).

Em segundo lugar a imagem de Igreja que emerge de 1Ts é a da comunidade de confiança e fé no Deus que é Pai e no Senhor Jesus que salva da

ira divina na escatologia. É a fé que salva, dirá a judeus e gentios em Rm 1,16-17. E tal fé somente é dada a conhecer se for anunciada, e anunciada de modo cativante, provocador da confiança para que a adesão à mesma fé seja segura e salvífica. Em Tessalônica Paulo se deu a esta tarefa com pleno êxito. Confiantes em Paulo, Silvano e Timóteo, os tessalonicenses passam a confiar no Deus que eles lhes anunciaram. A descoberta de um Deus Vivo e Verdadeiro foi de tal modo nova e convincente, que esquecem os ídolos e o modo de vida neles inspirado. Paulo os contagia com seu entusiasmo, e eles, por sua vez, contagiam os que os ouvem: tornaram-se missionários por sua vez, difundindo o mesmo Evangelho de Paulo por toda a Macedônia. Pela confiança em Deus e no Seu Filho, a perspectiva histórica dos tessalonicenses se muda: seu passado, presente e futuro se explicam pela adesão à fé. O passado dos ídolos não voltará mais, o presente é a doce experiência da profunda transformação que se alimenta pela caridade ensinada pelo mesmo Deus. E o futuro é aguardado com a serenidade de quem encontrará no juiz escatológico um Pai amoroso que recria, acalenta, exorta, encoraja e instrui para a perseverança final, tendo ao lado o Filho como advogado eficaz. Para uma comunidade gentílica daquele tempo estas eram mudanças extraordinárias. Com o passar do tempo, dois milênios depois, para nós o significado grandioso de tal transformação pode passar despercebido. Porém precisamos recuperá-lo, porque para nossos tempos é fonte de revigoramento. Uma comunidade cristã em construção é o nascimento exuberante de uma nova criatura de Deus. Nela estão como que células-tronco que no devido tempo evoluirão na compleição do corpo adulto, sadio, santo, exuberantemente fértil em boas obras, fundado na *agápe* do Pai, para sempre fiel e digno de confiança total.

Valdir Marques SJ é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, 1986). Desde 1996 é professor de Teologia Paulina e Metodologia da Pesquisa Teológica na FAJE (Belo Horizonte). Traduziu o livro J. MURPHY-O'CONNOR, *Paulo de Tarso: História de um apóstolo*, São Paulo: Loyola / Paulus / Sinodal, 2008, e publicou vários artigos em periódicos, dos quais o mais recente se intitula "Quem é o homem para que dele Te lembres?", *Convergência* Abril 2009.

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 - Planalto
31720-300 *Belo Horizonte* – MG
e-mail: valdirsj@yahoo.com

COLEÇÃO BÍBLICA LOYOLA

A Coleção Bíblica Loyola, sob responsabilidade da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, publica estudos, comentários e subsídios bíblicos de nível científico internacional, seja traduzidos, seja produzidos por biblistas nacionais.

TÍTULOS MAIS RECENTES:

19. **As duas fases da pregação de Paulo** (*M. Pesce*)
20. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo** (*J. A. Overman*)
21. **A Bíblia na Igreja** (*J. A. Fitzmyer*)
22. **O pensamento do templo - de Jerusalém a Qumran** (*F. Schmidt*)
23. **As formas literárias do Novo Testamento** (*K. Berger*)
24. **Procurais o Jesus histórico?** (*R. Zuurmond*)
25. **Sabedoria e sábios em Israel** (*J. Vélchez Líndez*)
26. **Mulher e homem em Paulo** (*N. Baumert*)
27. **A evolução do pensamento paulino** (*U. Schnelle*)
28. **Metodologia do Antigo Testamento** (*H. Simian-Yofre [org.]*)
29. **A mensagem do Reino** (*R. A. Horsley e N. A. Silberman*)
30. **Abraão e sua lenda: Gênesis 12,1-25,11** (*W. Vogels*)
31. **Israel e seu Deus:** (*F. Gradl e F. J. Stendebach*)
32. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento** (*Ina Willi-Plein*)
33. **O Jesus Histórico: um manual** (*Gerd Theissen / Annete Merz*)
34. **A Tríade: fé, esperança e amor em Paulo** (*Thomas Söding*)
35. **A Primeira história do Cristianismo** (*Daniel Marguerat*)
36. **Introdução ao Antigo Testamento** (*Erich Zenger et al.*)
37. **Introdução à leitura do Pentateuco** (*Jean-Louis Ska*)
38. **A "fórmula da aliança"** (*Rolf Rendtorff*)
39. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus** (*Michel Gourgues*)
40. **A invenção de Cristo** (*Maurice Sachot*)
41. **As origens da Bíblia** (*John W. Miller*)
42. **Naquele tempo... Concepções e práticas do tempo** (*M. Gourgues e M. Talbot*)
43. **Introdução à exegese do Novo Testamento** (*U. Schnelle*)
44. **A encarnação do Filho de Deus** (*Ulrich B. Müller*)
45. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"** (*J. Konings*)
46. **Entre os dois Testamentos. História e religião na época do Segundo Templo** (*J. Maier*)
47. **As parábolas de Lucas** (*Michel Gourgues*)
48. **Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo** (*P.A. de S. Nogueira*)
49. **O homem bíblico. Leituras do Primeiro Testamento** (*A. Wénin*)
50. **Aquele que manda a chuva na face da terra** (*C.M. Dias da Silva*)
51. **Davi e sua história** (*W. Vogels*)
52. **A Bíblia grega dos Setenta - Do judaísmo ao cristianismo antigo** (*M. Harl, G. Dorival, O. Munnich*)
53. **O Messias** (*H.-J. Fabry / K. Scholtissek*)

Edições Loyola — Cx. P. 42.355 - CEP 04299-970 São Paulo

e-mail: vendas@loyola.com.br